

A camponesa que lia romances

Henriqueta Ramalho

A carrinha parou no largo da aldeia, uma aldeia de pedra crua, concelho da Guarda.

Crianças rodearam-na.

De longe, devagar, arrimada a uma bengala, ela avança. Devagar. Devagar.

O rosto está marcado pelos rios do tempo – muito campo, muito sol, muita chuva. É velha como um roble. Pequeninina e delicada como um sopro.

Aproxima-se.

- Olá, D. Mara! Então está melhorzinha? Pergunta o rapaz da carrinha.

- Vou indo! Vou indo! Trouxe os livros que pedi?

- Aqui tem, D. Maria.

As mãos rugosas seguram um livro de José Rodrigues dos Santos e o Afinador de pianos de José Luís Peixoto!

Devolveu o José Cardoso Pires.

- Gostou?

- Um encanto!

E partiu, rua abaixo por entre o carinho das pedras da aldeia, dois amores debaixo do braço. Trémula e feliz.

Onde estão os poetas do meu país que não nos vêm cantar?

2011 – Chegada da carrinha-biblioteca municipal que percorre as aldeias onde nada mais chega. Quem era aquela Mulher que lia tais livros? Que caminhos a levaram ali? Camponesa da minha terra, só isso.

Notícia do telejornal, não sobre esta mulher pela distribuição da cultura no interior do país.